# A identidade e a roupa: como o vestuário consegue representar o indivíduo através da análise do filme A bruxa.

**Juliana Santos de Souza**

## Resumo

O presente artigo possui como temática o filme “A Bruxa”. O enredo se passa na Nova Inglaterra, no século XVII, e relata a história de uma família de imigrantes. O início da história se dá no instante em que a família é expulsa por heresia de uma vila comunitária.

Este trabalho tem por objetivo apontar a importância da indumentária no papel social do indivíduo e a influência do traje como elemento representativo em seu posicionamento na sociedade. Foi realizada uma análise comportamental da Protagonista, com intuito de associar seu vestuário com sua posição social.

**Palavras Chaves:** A bruxa; indumentária; identidade; puritano.

## Introdução

O presente artigo versa sobre a obra cinematográfica intitulada “A bruxa”, que para sua criação contou como referência um conto folclórico da Nova-Inglaterra. O filme é uma coprodução entre três países – Canadá, Estados Unidos e Inglaterra -, foi dirigido pelo diretor Robert Eggers e é caracterizado no gênero terror. A história se passa em 1630 e narra a mudança de uma família de peregrinos para Nova-Inglaterra, região nordeste dos Estados Unidos.

O tema central deste artigo é a análise comportamental da personagem Thomasin, na qual foram observados diversos aspectos, por exemplo: como ela reage às diferentes circunstancias, além de suas relações interpessoais e de sua indumentária.

Sabe-se que o indivíduo e o traje são conceitos interligados em determinadas culturas e com base no questionamento da identidade de Thomasin através de sua indumentária. A hipótese levantada por esta pesquisa é que a construção da identidade de Thomasin é dividida em dois momentos: no primeiro, há a construção de sua identidade é moldada por um grupo social na qual ela convive, isto é, refletido em sua

vestimenta, pois como seus princípios são similares a um grupo sua vestimenta também será semelhante a estes, estabelecendo uma imagem socialmente aceitável; já no segundo, Thomasin não mais se adequa aos termos de um grupo, ganhando autonomia, fazendo com que surgisse um novo comportamento, baseado em novas crenças e novos desejos, e, consequentemente, novas vestimentas.

A grande relevância deste tema e a ideia defendida por este artigo nos leva a refletir como a roupa é um instrumento capaz de nos posicionar socialmente, isto é, quem nós somos, de onde viemos, em que acreditamos, como vivemos e o que almejamos.

O filme “A Bruxa” se passa em um contexto não atual, no qual a noção de indivíduo era distinta da defendida na contemporaneidade, esse foi um dos valores que me motivaram a escolher esta análise.  Outo fato que merece destaque é a manutenção fidedigna do ambiente, das normas de comportamento dos personagens e, principalmente, a indumentária.

Como metodologia utilizou-se: pesquisas bibliográfica e cinematográfica, além da análise minuciosa do filme.

## Contexto histórico

No século XVI, a Europa Ocidental presenciava o desenvolvimento do Renascimento, um movimento proveniente da Itália, que trazia consigo novas ideias, como: a oposição do teocentrismo – fundamento que julga Deus no centro de tudo e todos - para o antropocentrismo – que defende o homem no centro de tudo.

Com a inserção do conceito de antropocentrismo, o homem passou a ser valorizado em todos os seus aspectos, principalmente seu lado racional. A partir disso surgiram questionamentos e críticas sobre o clérigo e o alto poder da Igreja.  Pode-se destacar Lutero como figura mais marcante da época, uma vez que questionava os privilégios da Igreja católica e da autoridade papal, considerados por ele de caráter corrupto e imoral. Lutero almejava a reforma protestante, no entanto isto não ocorreu.

Lutero partiu em busca de formar a primeira igreja protestante alemã, na qual ele publicou 95 (noventa e cinco teses), apresentando como principal base pregada em sua igreja: a salvação pela fé, em oposição à igreja católica, que era possível ser salvo através da venda de indulgencias. Lutero só conseguiu formar sua igreja, porque contou

com o apoio de alguns príncipes feudais alemães, que tinham interesse em ter posse dos recursos da igreja católica, além de afastarem da submissão ao rei espanhol Carlos V. (SCHMIDT, 2005, p.14).

Após a difusão das ideias de Lutero, surgiu um dos grandes teóricos franceses que impulsionaria uma nova reforma protestante, João Calvino, o qual reiterava vários princípios luteranos. Existiam, porém, características que se diferenciavam de Lutero, como: a questão da salvação em que era pregada a teoria da predestinação, a qual era baseada na disciplina e na valorização moral do trabalho e da poupança.

Pode-se afirmar que este pensamento calvinista favoreceu a valorização da classe burguesa, que tinha dificuldades para se expandir financeiramente, devido o poder da igreja católica que impedia sua consolidação de suas atividades. Sendo assim, o princípio calvinista obteve muito apoio da classe burguesa.

Na Inglaterra, a igreja anglicana foi criada pelo rei Henrique VIII. Antes da criação desta instituição religiosa, a autoridade papal estava muito presente neste país. Com essa fundação o monarca rompe relações com a igreja católica. Na igreja anglicana, por sua vez a há centralização de um líder, já nas outras igrejas protestantes isso é inexistente.

A igreja católica percebeu que seu poder estava enfraquecido e criou a contrarreforma, com a implementação de inquisições, a fim de perseguir as pessoas consideradas hereges, ou seja, as que não seguiam o catolicismo. (BRAICK; MOTA, 2007, p. 194)

Muitas famílias adeptas ao calvinismo – também chamados de puritanos – migraram para a América do Norte – considerada a terra prometida -, devido a uma guerra civil religiosa, na Inglaterra, em 1620, a fim de santificar a terra, com base em sua devoção.

Essas famílias provenientes da pequena burguesia, de artesão, comerciantes, camponeses e pequenos proprietários rurais, seguiam as doutrinas reformistas de Calvino. Os puritanos vieram para o novo mundo por iniciativa própria e com seus próprios recursos, fugindo das autoridades que os perseguiam por motivos políticos e religiosos. ’’ (BRAICK; MOTA, 2007, p.246)

## História do filme

A família é composta por 6 (seis) personagens: William (o pai e é interpretado por Ralph Ineson), Katherine (a mãe e é interpretada por Kate Dickie), Caleb (o filho do meio e é interpretado por Harvey Scrimshaew), Mercy e Jonas (são os filhos mais novos e gêmeos fraternais, interpretados, respectivamente, por Ellie Grainger e Lucas Dawson) e a Thomasin (protagonista, filha mais velha, interpretada por Anya Taylor-Joy).

A história do filme se passa em 1630, no século XVII, contando a história de uma família de imigrantes. O filme tem início com o julgamento da família, que culmina com sua expulsão da comunidade, a qual pertencia.

Diante disso, William leva sua família para viver fora da colônia e se instalam próximo a um riacho. As cenas seguintes mostram a família trabalhando em sua colheita, ocupando-se com outros afazeres domésticos, fatos que demonstram a importância do trabalho para a sobrevivência da família.

Figura 1 A família chegando à nova terra

Fonte: "*print screen"* do filme A bruxa

Outra cena começa com Thomasin orando e pedindo perdão a Deus por ter pecado em pensamentos, desobedecendo, desta forma, seus pais, já que seguiu suas próprias vontades e não a do Espírito Santo, uma vez que foi indolente no trabalho e negociou suas preces, isto é, rompeu com os mandamentos sagrados. Com isto, houve um agravamento do sentimento de auto culpa e de autocondenação.

Devido o fato de ser a filha mais velha, Thomasin possui responsabilidade de tomar conta de seu irmão recém-nascido, Samuel. Determinado dia, aquela leva este para brincar, ao se distrair, seu irmão é raptado por uma mulher que o leva para o interior da floresta. Thomasin tenta alcançá-la, mas não consegue. A mulher mata o bebê, logo após seu rapto.

Após o ocorrido, a família da moça fica abalada e a culpa por falta de cuidado. O cenário se agrava no momento em que a colheita da família é quase toda perdida, ou seja, ocorre uma escassez de comida.

Devido à falta de alimento, William e Caleb se dirigem à floresta para caçar. Inicia-se uma conversa entre os dois, na qual William questiona o pai quanto a possibilidade de salvação da alma de seu irmão Sammuel, devido ao fato de ele não ser batizado. O pai, por sua vez, afirma que apesar de ser um bebê, ele foi concebido em meio ao pecado, além de não ter sido batizado, fatos que farão ser condenado à eternidade.

Em outra parte do filme, William percebe a tristeza de Katherine, devido à perda de seu filho Samuel e tenta consolá-la, mostrando-lhe que se tratava de uma escolha do divino e que deveriam se sentir honrados em Deus escolher leva-lo, porém a mãe que começa a ficar descrente e interpreta aqui como uma maldição e não como benção.

O cenário que já estava ruim ficou pior, quando os animais criados na fazenda da família começam a morrer, de maneira misteriosa. Diante disso, Katherine sugere que Willian venda Thomasin para servir a outra família. Caleb e Thomasin escutam a conversa de seus pais e se dirigem a floresta, na companhia de seu cão, para caçar, durante a madrugada.

Os irmãos caminhavam na floresta, quando surge um coelho e seu cachorro tenta persegui-lo, mas acaba morto. Caleb ao correr atrás do canino se separa de Thomasin, que retorna para casa. Ele encontra seu cachorro morto e percebe que está perdido na floresta. Ao caminhar na tentativa de voltar para seu lar, encontra uma pequena moradia, na qual há uma mulher com as mesmas vestes do dia do rapto de seu irmão. Eles se fitam, por alguns instantes, e ela se aproxima do menino e o beija.

A família mostra-se muito preocupada com o desaparecimento de Caleb, criando uma confusão entre eles. Thomasin encontra seu irmão despido e desacordado nos estábulos. Caleb começa a ter convulsões e delírios e acaba falecendo.

Enquanto, Katherine de debulha-se em lagrimas, Thomasin tenta aproximar-se do corpo do irmão, mas é impedida por sua mãe.

Os pais de Thomasin começam a acreditar que ela realmente é uma bruxa e que amaldiçoou seu irmão Caleb e os irmãos mais novos. Eles atribuem a culpa de todos os acontecimentos à filha, que nega tal afirmação, dizendo que é uma serva de Deus e que foram seus irmãos mais novos que haviam conversado com o Diabo.

Willian tranca seus filhos nos estábulos ate a manhã seguinte, onde pretendem retornar a colônia, porém, na manhã seguinte, ao acordar Willian percebe que Mercy e Jonas desaparecem, após isso ele é atingido no estômago pelo bode e acaba falecendo.

Thomasin observa a cena de maneira apavorada, enquanto Katherine avança em sua direção de maneira furiosa, acusando de ter matado William, culpando-a por todas as mortes dos membros da família e pelo desaparecimento dos filhos mais novos. A mãe tenta matar a filha enforcada, porém esta atinge aquela com um machado, para se defender e acaba assassinando Katherine.

Thomasin fica atordoada e sozinha, entra em casa, retira seu waiscoat, e coloca um manto por cima de seus ombros, permanecendo apenas com o manto e o shift, senta-se a mesa e adormece. Ela acorda no meio da noite, caminha ate o estabulo destruido e conversa com o bode, Black Philip, que a guia para dentro da floresta. Lá ela encomtra um circulo de mulheres, que estão ao redor de uma fogueira – despidas, recitando e cantando palavras-, enquanto Black Philip está observando, Thomasin se aproxima e participando daquele rito.

## A conexão entre a realidade e a ficção

Por toda a extensão da história do filme, a família vive em um ambiente campestre e produz seu próprio alimento, plantando grãos e criando animais. O solo no qual são plantados os alimentos não é fértil, entretanto, e a colheita é reduzida. Analisando o cenário, constata-se que os personagens estão limitados e são dependentes do campo, possuindo um restrito conjunto de pessoas constantemente, fato que corrobora para existência de conflitos e desgastes nos relacionamentos.

A família de Thomasin está inserida num ambiente, o qual a crença predominante é o protestantismo.

> A maioria é atraída a uma determinada igreja pelas circunstancias. Como em política, em que muitos votam como os pais o fazem, também em matéria de religião a tendência é as crianças serem levadas ‘a igreja pelos pais e, por uma serie de razões - sociais ou sociológicas -, continuarem frequentando aquela igreja até morrer. (PARKER, 1980, p. 132)

Thomasin vive num contexto que não há diversidade de culturas e ideias, no qual o consumo capitalista exacerbado é praticamente inexistente e a valorização do coletivo predomina. “A vida na cidade liberta os homens, antes presos ao campo e aos laços da fidelidade” (SCHMITT, 2011, p. 178).

Há uma cena em que Thomasin ora e confessa que viveu em pecado, por desobedecer às condutas impostas pela família e pela sociedade, emerge um sentimento de culpa.

Observa-se que a personagem demonstra uma falta de conexão entre sua suposta crença religiosa e que suas vontades mundanas foram sobrepostas a sua espiritualidade. Nas sociedades tradicionais, a valorização do mundo espiritual e iluminação da alma eram muito mais forte que nas sociedades modernas, nas quais os prazeres materiais são colocados em evidência por conta do desenvolvimento do capitalismo e consumismo.

> A cidade também desperta a curiosidade pela alteridade- o ouro, o novo, inexistente na vida estável no campo- já que é o território de encontro entre diferentes culturas. Foi nesse momento que começaram a aparecer os primeiros traços do sistema que dominaria, mais adiantes, as sociedades contemporâneas: o capitalismo e sua representante máxima, a burguesia. A partir de então, e com mais força nos séculos XIV e XV, toda a existência começava a ser encarada de outra maneira. A realidade mundana passava a ter uma enorme importância, muito maior do que tivera em épocas anteriores. O mundo físico se tornava, pela primeira vez tão importante quanto o espiritual. (SCHMITT, 2011, p. 178)

Quando Katherine sugere que Thomasin seja vendida a outras pessoas, ela deixa bem explícito que o principal atributo que esta pode ter é sua disponibilidade como serviçal e maturação do corpo feminino. Nesta passagem, nota-se a imagem do corpo feminino não está apenas acompanhada pelos seus aspectos físicos, mas também comportamentais, a feminilidade imposta no contexto da sociedade tradicional é constituída pela delicadeza, submissão (BOURDIEU apud GOLDENBERG, 2006, p. 121) e contraditoriamente, pudor.

Em outro dado momento em que Thomasin caminha com Caleb pela floresta, aquela fala sobre a vivência da família na Inglaterra, antes de migrarem para a nova

Inglaterra, na qual relembra os objetos que a família possuía, a comida e todos os bens materiais dos quais ela desfrutava antes.  Isso já demonstra que Thomasin sente apreço pelo conforto e pelos bens materiais, diferente do comportamento dos demais integrantes de sua família.

Ainda assim Thomasin não procura demonstrar de forma tão evidente suas predileções por conta dos ideais da família, mesmo possuindo anseios contrários aos de seus familiares, tudo pela necessidade de pertencer ao grupo e se sentir incluída. “O caso em que a coletividade não aceita o critério, os estímulos nem os interesses do indivíduo e por isso esmaga e paralisa a iniciativa e a vontade do mesmo.” (PARIGUIN, 1972, p.142). Portanto, pode-se observar que Thomasin possui um pensamento que se coaduna com a sociedade moderna, mesmo tendo vivido numa sociedade tradicional.

O ser humano sempre foi impactado por forças opostas, que se agravaram de maneira muito mais intensa com ascensão da modernidade. Essas necessidades opostas são descritas como a necessidade do homem de pertencer a um grupo e não se sentir isolado em contraste com a necessidade de ser um indivíduo único e singular, com suas próprias concepções. (SIMMEL apud MOTA, 2008, p. 28).  Isto posto, fica mais fácil constatar que Thomasin ate este momento se sente inclinada ao pertencimento de um grupo e que sua noção de indivíduo está sobreposta ao coletivo.

> As formas de vida típicas da história de nossa espécie demonstram sempre a eficácia desses princípios antagônicos. Todos eles expressam, na sua esfera, e sob uma forma específica, o interesse de unir a permanência e a perseverança da mesma maneira que a mudança e a variação; de fundar um acordo entre o geral e o mesmo com o específico e singular; de proporcionar um compromisso entre a dedicação à totalidade social e a imposição da própria individualidade.(SIMMEL, 1998, p.1)

Observa-se que a indumentária de Thomasin apresenta uma sutil noção de moda no contexto da história, além da noção de modernidade, é possível ver que há uma reprodução do vestuário por um grupo, fato que lhe confere identidade.

A roupa de Katherine é similar a de Thomasin, composta por um traje puritano feminino composto por: *shift*, a roupa intima feminina, que simulava um longo vestido, modelagem solta, mangas compridas - que chegavam até os tornozelos-, lenço de linho envolta do pescoço e presos ao decote, com objetivo de transmitir modestia e recato, comumente utilizado por mulheres mais velhas e casadas.

Figura 2 - Katherine ao lado de Caleb

Fonte: “*print screen”* do filme A bruxa

A moda não é considerada uma forma de comunicação, uma vez que uma peça não significa sempre o mesmo, em contextos diferentes, entretanto a incapacidade de gerar significado só se aplica a um contexto de modernidade. Não obstante, como a história da família se passa em uma sociedade tradicional, a roupa transmite uma mensagem clara e explicita, por exemplo: o caso do uso de lenços de linho envolta do pescoço. (SVENDSEN, 2010, p.82)

Por cima dessa composição de peças íntimas, as mulheres usavam o *waiscoat*, uma espécie de jaqueta, que cobria o tronco e os braços, e na parte inferior usava-se uma saia longa, em alguns casos o waistcoat e a saia eram costurados juntos, criando um vestido. Por cima do vestido, complementando o traje, usava-se um avental nomeado *apron.*

Figura 3 – Vestuário de Thomasin

Fonte: *print screen* do filme A bruxa

Os acessorios usados eram: as meias compridas amarradas no joelho por uma pedaço de couro, linho ou lã; sapatos de couro, sendo de salto baixo e dedos redondos. Na cabeça, usava-se *Coif*, uma especie de touca colocada sobre a cabeça, a fim de cobrir os cabelos. Eventualmente as mulheres usavam um chapeu de feltro por cima do *Coif*.

Mesmo que a moda seja um fenômeno da modernidade e uma expressão da individualidade, não se pode excluir a participação dela nos grupos sociais. Pode-se afirmar que o ser humano possui um desejo de pertencer a um grupo, tirando-o da insegurança de suas escolhas (SIMMEL, 1998, p.2). Logo, o ser humano imita seus semelhantes, a fim de suprir seu desejo de pertencimento grupal.

As tentativas de aproximação e pertencimento familiar fazem com que os ideais de Thomasin sejam visualmente representados através de sua indumentária, fato que delimita o processo de imitação como uma herança familiar.

Devido aos conflitos e aos infortúnios, que foram acontecendo ao decorrer da história, Thomasin foi considerada culpada por todos os eventos negativos, fazendo com que ela se sentisse mergulhada em sua tristeza, por não conseguir verdadeiramente pertencer a sua família e, principalmente, por não conseguir o amor materno. Neste momento podemos observar uma fase de transição.

A protagonista, ao perder sua família e se sentir isolada, procura Black Philip e que lhe oferece uma vida de prazeres terrestres, representada pelo consumo de bens materiais. Thomasin rapidamente aceita o convite e enaltece a sua noção de eu, neste instante, dá se o rompimento com suas antigas crenças, que a figuravam numa coletividade, traçando-se um novo caminho para um indivíduo singular, fazendo suas próprias escolhas e não mais vinculada aos valores de sua família.

Nesta nova fase, a personagem retira suas antigas vestes e permanece nua, fato que a intenção de abandonar sua antiga vida e a inserção de num novo grupo. Thomasin, agora, deixou de possuir características da sociedade tradicional para se tornar um indivíduo moderno, mesmo que em seu contexto histórico esteja inserida numa sociedade tradicional.

Figura 4 – Thomasin aceita o acordo de Black Phillip

Fonte: *print screen* do filme A bruxa

Através de uma visão geral podemos observar que o corpo é tratado de maneiras diferentes dependendo da cultura em que ele está inserido.

> Para Mauss, o conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura também se refere ao corpo. Assim, há uma, construção cultural do corpo, com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade. (MAUSS apud GOLDENBERG, 2006, p.116)

De um lado, a visão do corpo, vista sob o olhar dos grupos religiosos, ao longo do filme, ligada à ideia de pecado, consequentemente, é enaltecida a idealização de pureza e castidade. Por outro lado, a visão do corpo, vista sob o olhar do grupo das mulheres, ao final do filme, é associada à liberdade, ao poder e à aceitação da própria sexualidade.

Figura 5 – Thomasin vai à floresta com Black Phillip

Fonte: *print screen* do filme A bruxa

## Considerações finais

Sendo assim, pode-se afirmar que a identidade de Thomasin, num primeiro momento, foi constituída a partir das perspectivas de sua família, nas quais seus valores e crenças eram moldados com base em uma cultura mais voltada para o coletivo. Consequentemente sua roupagem é baseada no grupo produzindo uma homogenia estética.

Já, num segundo instante, a personagem entra em conflito com sua antiga identidade e adquire uma nova, na qual ela se reconhece como indivíduo livre - não mais pertencente ao coletivo e às suas obrigatoriedades. Portanto, é possível identificar sua transformação a partir do momento em que ela retira suas roupas, muda suas expressões faciais e seus gestos.

## Referências

BRAICK, Patrícia Ramos; MOTA, Myriam Becho. **História das cavernas ao terceiro milênio: das origens da humanidade à reforma religiosa na Europa.** São Paulo: Moderna, 2007.

CLINE, Duarte.Clothing of the Pilgrims. Disponível em:<http://sites.rootsweb.com/~mosmd/clothing.htm>. Acesso em: 22 març. 2019

GOLDENBERG, Mirian. **O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira.** Rio de Janeiro: vol.2, n.2, Páginas 115-123, Jul-dez, 2006. Disponível em:< https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9083/7213> . Acesso em: 27 mai. 2019.

MOTA, Maria. **Moda e subjetividade** - Corpo, roupa e aparência em tempos ligeiros. Ano 1, n.2, Páginas 21-30, ago-dez, 2008. Disponível em: < http://www.revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7600/5105 >. Acessado em: 18 mar. 2019

PARIGUIN, B.D. **A psicologia social como ciência**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1972.

PARKER, Julia, PARKER, Derek. **Quem voce pensa que é ?.** São Paulo: Círculo do livro, 1980.

SCHMIDT, Mario. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova geração, 2005.

SCHMITT, Juliana. Entre o indivíduo e o coletivo: Notas sobre o nascimento da moda. In: BONADIO, Maria Cláudia; MATTOS, Maria de Fátima - **História e cultura de moda**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011.

SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. **Da psicologia da moda: um estudo sociológico -** Simmel e a modernidade. Brasília: UnB. 1998. p. 161-170**.**

SVENDSEN, Lars. **Moda: Uma filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010